

CAEM AS FOLHAS... UMA CANÇÃO DE OUTONO

Uivava impaciente o vento, sacudindo a janela à sua maneira indelicada e insistente, como se nada mais houvesse que devesse prender a minha atenção; e como eu não lhe fosse acudir tão lesta, resolveu chamar em seu apoio a chuva, uma chuva de grossos pingos vertida por castelos e castelos de nuvens muito aconchegadas entre si, encaracoladas como o toirão de outras tantas ovelhas cinzentas. E de um momento para o outro, o quarto escureceu e arrefeceu de tal modo, que não me restou senão arrumar o manuscrito, disposta a espezinhar as labaredas tímidas que esmoreciam no fundo da braseira. Falha de inspiração para prosseguir a escrita, despedi-me mentalmente das personagens do conto desejando-lhes boa noite (apesar de pouco passar das cinco da tarde), acabei de esvaziar a chávena de chá frio que há meia hora me aguardava sobre a mesa-de-cabeceira, e fui encostar-me ao parapeito da janela.

Da janela do meu quarto um tanto acanhado na alta mansarda da casa dos meus avós, dominava todo o jardim (pouco a pouco transformado num matagal livre dos cuidados de jardineiro do meu avô, entretanto presa de um reumatismo implacável), a rua e o telhado de quase todas as casas da vizinhança, o que desde sempre me dera uma agradável sensação de superioridade e me concedera o supremo privilégio de bisbilhotar vidas alheias sem que alguém se apercebesse de tal; mas tal como os meus avós, também isso foram águas passadas, águas da curiosidade infantil e da desconfiança de adolescente; desde há muito achei por bem devolver a cada um a privacidade a que tem direito.

Da janela pus-me a namorar os plátanos da rua, árvores quase seculares que vi crescer, e que sempre me encantaram, da Primavera ao Inverno: os brotinhos enrolados como báculos a estenderem os dedos em folhas muito regulares, de um verde muito fresco, as bolotas cor de mel que à aragem mais forte do Verão espalhavam uma penugem delicada sobre a rua e o jardim, a canção dos ramos embalados pelo vento, os tons acobreados das folhas de Outono... Eis que estávamos no Outono, e pelo ar rodopiavam folhas de plátano de todos os tamanhos e tonalidades, levadas pelo mesmo vento indelicado que me chamara à janela – afinal, por uma boa causa!

Então, pareceu-me ouvir o som de muitas gargalhadas infantis. Espreitei para baixo, para o jardim onde a chuva fazia vergar a relva crescida, mergulhando-a nos pequenos charcos que se iam formando, e o que vi, levou-me a limpar as lentes dos óculos à manga gasta do velho casaco de malha, esfregando-as vigorosamente: lá em baixo, cantando uma lengalenga há muito esquecida, da escolinha que o tempo apagou, dançando numa roda tosca de mãos dadas, cinco meninas de galochas chapinhavam em redor do único plátano do jardim, que não teria mais de três metros de altura – a altura que tinha quando eu própria era criança. Olhando com mais atenção, consegui distinguir, na roda, as minhas quatro amiguinhas e... eu própria! Não, não havia engano possível, era realmente eu, com a minha capa de chuva azul, e eram realmente as minhas melhores amigas da escola, que costumavam vir lanchar comigo a casa dos meus avós! Sim, recordo com toda a clareza essas tardes a brincar no jardim, a cantar à chuva, a coleccionar folhas

caídas do jovem plátano para decorar livros e cadernos... E a voz doce mas firme da avó, a chamar para dentro de casa, que a chuva redobrava de força!...

E eis que neste momento ouço essa saudosa voz da minha infância!

Sete da manhã. Toca o despertador, implacável algoz de sonhos e libertador de pesadelos. De olhos fechados, estendo a mão para a mesa-de-cabeceira e ponho-me a procurar os óculos às apalpadelas, enquanto lá fora ruge o temporal que me tenta a deixar-me ficar no aconchego de lençóis e mantas.

Ribomba um trovão, e eu sento-me num rompante, meio atordoada. Olhando em redor, reconheço o meu quartinho acanhado do apartamento citadino. Não encontro os óculos, porque não os tenho, não uso, ainda não preciso deles; na mesa-de-cabeceira, um candeeiro moderno, bojudo, ocupa o lugar do *abat-jour* de florinhas da mansarda dos meus avós, e uma garrafa de água substitui a grande chávena almoçadeira de chá. Mais além está a minha escrivaninha, prenda de fim de liceu, cordão umbilical que ainda me prende a casa dos meus pais, e sobre ela, vários montes de papéis em aparente desorganização, o computador e um grande copo de café vazio, com os restos de uma fina rodela de limão no fundo.

Ainda a reorganizar ideias, levanto-me e encosto-me ao parapeito da janela larga: lá de fora, saúda-me um dia cinzento de Outono. Pela rua vazia passa um dos primeiros autocarros, transportando meia dúzia de passageiros ensonados indiferentes à mensagem do vento e da chuva, bem assim à valsa das folhas ruivas que se vão destacando dos ramos do grande plátano que se ergue diante do meu prédio (Sim, é verdade, aluguei este apartamento, precisamente por causa do plátano).

Dou por mim a recapitular o estranho sonho dessa noite, e proponho-me arrumar a papelada da escrivaninha antes de me concentrar nas tarefas do dia, que incluíam uma visita à minha avó ao fim da tarde, para a modesta celebração dos seus oitenta anos, rodeada de quantos restam da nossa pequena família. Sei que os meus pais vão tentar convencê-la a deixar o velho casarão, demasiado grande e frio, para ir morar com eles ou escolher um lar de terceira idade...

Pego distraidamente numa das composições dos meus alunos de Inglês – a última que corrigira antes de me deitar. Nessa semana, estávamos a ler e reflectir sobre o conhecido conto de Natal de Dickens... E o relâmpago que então iluminou o quarto, iluminou-me também o espírito: nessa noite, por uma incrível associação de ideias do meu cérebro, visitara em sonhos *o Outono passado* e *o Outono futuro*, tal como o velho Ebenezer Scrooge vislumbrara *o Natal passado* e *o Natal futuro!*...

Tomei uma decisão: vou mudar-me para casa da minha avó! Far-lhe-ei companhia nos anos que lhe restarem, e ali casarei e terei filhos, se tal for o meu destino; e para sempre desfrutarei da companhia amável do plátano do jardim, deliciando-me com os cambiantes que as estações do ano lhe forem emprestando.

Está decidido!

Lisboa, 21 de Setembro de 2023
Ana Ferreira da Silva